

VÁRIA

Nota sobre a braquicefalia dum crânio de Muge

Entre as várias ossadas encontradas nas escavações feitas nos concheiros de Muge pelo Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, sob a direcção do Sr. Prof. Mendes Corrêa, appareceu um crânio braquicéfalo, que descrevi numa comunicação ao I Congresso do Mundo Português, intitulada: *Novos esqueletos humanos dos concheiros mesolíticos de Muge.*

E, a propósito desse crânio braquicéfalo, n.º 2 da nova série do Cabeço da Arruda, dizia aí o seguinte:

«Ora a verdade é que mais ou menos deformados estão todos os crânios desta estação pré-histórica e a deformação, aliás neste exemplar sem grande influência no índice cefálico, tanto se dá na direcção sagital como na transversal. Portanto, se quiséssemos attribuir, genêricamente, a braquicefalia dos exemplares de Muges a deformações cranianas, teríamos de seguir o mesmo critério para a dolicocefalia e seríamos obrigados a pôr de parte o valor do índice cefálico para a caracterização desta sub-raça fóssil.»

Portanto, o crânio n.º 2 do Cabeço da Arruda merecia um exame mais atento para se averiguar até que ponto a deformação *post-mortem* poderia ter alterado a forma do contorno craniano, em norma vertical, e, por conseguinte, o valor do respectivo índice cefálico.

O esqueleto, a que pertencia este crânio, jazia em decúbito dorsal e a cabeça estava assente num plano horizontal que cortava o plano sagital mediano, aproximadamente, a 4 centímetros abaixo do ínio e levemente inclinada sobre o lado direito.

Esta inclinação, avaliada pelo ângulo formado pela vertical com o plano sagital, não devia estar longe de 5°. O ângulo formado pela linha glabelo-ínio com o plano horizontal andava à roda de 30°.

A deformação sofrida por este crânio deve ter sido causada por uma compressão, lenta mas contínua, da base, affectando a metade direita; e assim a apófise mastóide direita está um pouco mais levantada e mais para a frente do que a esquerda. Na região occipital, a partir das vizinhanças do ínio, para cima, não se encontram indícios dessa compressão.

As dimensões dos diâmetros ântero-posterior máximo e transverso máximo, medidos directamente, são, respectivamente, 173 mm e 144 mm.

O valor do diâmetro ântero-posterior máximo está compreendido nos limites dos números encontrados por outros investigadores para este carácter nos restos fósseis do homem de Muge.

Portanto, o valor 83,1 do índice cefálico, deste crânio, deve-se, principalmente, à maior extensão da sua largura máxima.



O esqueleto n.º 2 da nova série do Cabeço da Arruda na sua jazida

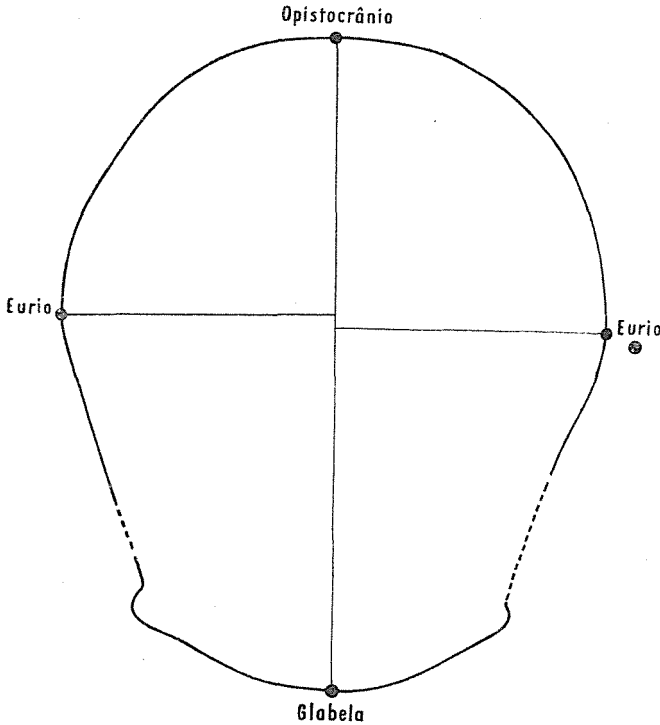
Torna-se, assim, necessário examinar a situação dos dois eurios relativamente ao plano sagital mediano.

Este plano, na projecção do contorno do crânio em norma vertical, será representado pelo seu traço com o plano do desenho, portanto, por uma linha que passa pela glabella. Outro ponto, que define esta linha, é o opistocrânio, cuja posição se determina ao medir o diâmetro ântero-posterior máximo.

Marcados, no contorno craniano, os quatro pontos que definem os dois diâmetros com que se construi o índice cefálico, bem como o traço do plano sagital mediano, medem-se as distâncias dos dois eurios a esse plano. Verifica-se, então, que o eurio esquerdo está afastado desse plano 72 mm, enquanto que o direito dista do mesmo plano 71 mm. Logo o eurio esquerdo

deverá ter sido deslocado 1 mm, na direcção transversa, da sua posição inicial.

E não terão sido modificadas as situações dos dois eurios? Não é de supor: os efeitos da compressão exerceram-se, principalmente, no lado direito e o eurio esquerdo não foi atingido da



Projecção do contorno, em norma vertical, do crânio n.º 2 do Cabeço da Arruda ($1/2$ do natural)

mesma maneira, pois a pressão foi exercida com uma intensidade muito menor sobre este lado do crânio, devido à sua inclinação sobre o lado direito.

Comparando as posições dos dois eurios, relativamente à glabela e ao opistocrânio, com as posições dos mesmos pontos de crânios recentes e de diâmetros ântero-posteriores máximos semelhantes, verifica-se que as distâncias do opistocrânio e da glabela ao eurio esquerdo diferem muito pouco das mesmas dis-

tâncias nos crânios normais; enquanto que as diferenças das mesmas distâncias ao eurio direito, já são apreciáveis.

Portanto, a posição do eurio esquerdo não deve ter sido modificada de maneira sensível, relativamente à sua posição inicial. Enquanto que o eurio direito foi deslocado para cima, para trás e para dentro, diminuiu, assim, o valor do diâmetro transverso máximo, e, por conseguinte, também o número por que se exprime o índice cefálico; donde se conclui que o valor do índice cefálico deste crânio, se fosse calculado com a medida do diâmetro transverso máximo feita antes de se produzir a deformação *post-mortem*, talvez fosse maior do que aquele que determina actualmente.

ALFREDO ATHAYDE.

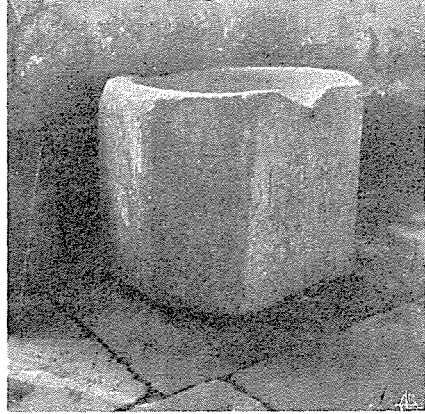
Inscrição romana de S. João das Lampas

Nas nossas viagens pelo país em prospecções arqueológicas, temos, algumas vezes, encontrado restos de culto pagão que a população cristã posteriormente adaptou para as suas práticas. Mais do que pelo interesse meramente arqueológico, tais restos têm-nos merecido uma especial atenção pelos elementos que podem fornecer para o estudo dos contactos das duas religiões na Península.

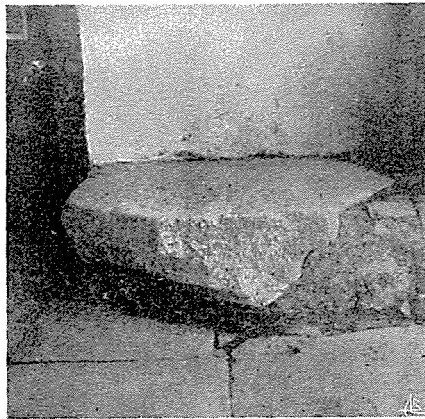
Um desses achados por nós observado jaz actualmente sob um alpendre da igreja de S. João das Lampas, localidade do concelho de Sintra. Trata-se duma pia baptismal trabalhada numa peça de mármore pertencente a um antigo monumento funerário romano.

Supomos que se encontre inédita mas, se o não está, nem por isso deixa de merecer esta pequena nota.

A pia apresenta uma forma de prisma octogonal, medindo 0^m,64 de altura e, respectivamente, 0^m,72 e 0^m,82 em dois dos seus diâmetros perpendiculares. Verifica-se, porém, com relativa facilidade, que a pátina das faces do prisma não é a mesma, antes variando alternadamente; e também se podem observar na base das faces, que se apresentam menos polidas, largas e bem notórias rebarbas. Parece-nos, assim, que a peça seria inicialmente um prisma de secção quadrangular a que, posteriormente, foi dada uma forma octogonal, provavelmente para melhor acompanhar o contorno da concavidade da pia cavada na parte superior onde, talvez, existisse já um *foculus* destinado à queima de



A pia vista de ângulos diferentes.



A peanha encostada à parede da igreja de S. João das Lampas.